

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

Being tabajara: young people indigenous peoples living ethnic identity practices

Eliane Silva Farias

Universidad Internacional Iberoamericana – UNINI

Campeche, México

Lilia Stevens

Universidad Internacional Iberoamericana – UNINI

(Puerto Rico)

Fundação Universitária Iberoamericana

(Brasil)

Lusival Antonio Barcellos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Paraíba-Brasil

Resumo

Este artigo versa sobre as práticas identitárias, vivenciadas pelos jovens indígenas do povo Tabajara da Paraíba nos tempos atuais. Tem como objetivo expor o Projeto da Mata em Pé, tomando-se como contraponto as ações educativas desenvolvidas, por meio de trilhas, pescarias e oficinas empregadas com os jovens pelos líderes como elementos cooperadores para o fortalecimento da identidade e revitalização cultural. Trata-se do recorte de uma pesquisa do doutorado em Educação. O estudo tem como referencial Anastasiou (2015), Barcellos (2014) Freire (2011), dentre outros autores. A metodologia prioriza a pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, tendo como instrumentos à observação participante e as entrevistas. Os resultados mostram que as práticas educativas utilizadas são elementos de resistência e alteridade no processo de ensinagem e aprendizagem, em que os jovens se empoderam da sua identidade étnica na defesa dos seus direitos e da cultura, em que “ser jovem indígena Tabajara” é sinônimo de força, luta e pertencimento de um ancestral de valor.

Palavras-chave: Identidade. Práticas educativas. Ser jovem indígena.

Abstract

This article deals with the identity practices lived by the indigenous youth of the Tabajara people of Paraíba, in the present times. Its objective is to expose the Standing Forest Project, taking as counterpoint the educational actions developed through trails, fisheries and workshops used with young people by the leaderships as cooperative elements for the strengthening of identity and cultural revitalization. This is the cut of a doctorate research in Education. The study is based on Anastasiou (2015), Barcellos (2014), Freire (2011), among others. The methodology prioritizes the qualitative research, of ethnographic nature, having as instruments the participant observation and the interviews. The results show that the educational practices used are elements of resistance and alterity in the process of teaching and learning, where young people are empowered with their ethnic identity in defense of their rights and culture, where “being young Tabajara” is synonymous with strength, struggle and belonging of an ancestor of value.

Keywords: Identity. Educational practices. Being an indigenous youth.

1.Introdução

Desde os tempos mais longínquos, a prática educativa é vivenciada pelo ser humano nas mais diversas formas, por meio de processos em que homens e mulheres realizam ensinagemⁱ e aprendizagem, (re)criam-se e transformam-se em sua relação no mundo. Freire (2011, p. 65) diz que “[...] cada indivíduo necessita se fazer, decidir sobre o que virá a ser.” Nesse processo, cada povo, dentro de seu espaço, tempo e cultura busca fazer, desenvolve diferentes práticas, cria e revitaliza seus usos e costumes como orientações de vida, de forma que amplia a dimensão cognitiva, a dimensão da afetividade, moralidade, sociabilidade e da cultura.

Sobre práticas, comumente se associa e se considera a realidade das práticas educativas da escola, mas vale analisar que elas não são os únicos territórios a partir dos quais os indivíduos se educam e formalizam práticas culturais. Existem práticas educativas desenvolvidas por sujeitos sociais que lutam por uma identidade e por transformação social.

Nesse contexto de ações, podem ser abordados o dinamismo, a participação e a atuação dos jovens em diferentes espaços. Sobre essa temática, pesquisas acadêmicas apresentam contribuições relevantes de grupos juvenis em instituições escolares, comunidades virtuais e, principalmente, em movimentos políticos sociais de negros, indígenas e outros.

A sociedade denomina de jovemⁱⁱ o indivíduo que está em posição social de transição, ou seja, entre a infância e a fase adulta, e vivenciam questões como não pode ou pode fazer tal atividade, além de uma parte dessa comunidade não ter nenhuma curiosidade por questões políticas e sociais. Sobre essas inquietações, o pedagogo Carrano (2011, p. 7) diz:

isso se expressa tanto em preocupações mais gerais relacionadas com a inserção dos jovens na vida adulta quanto em âmbitos específicos que relacionam os jovens com as famílias, a educação, o mundo do trabalho, a sexualidade, as novas tecnologias, as drogas e a violência, dentre outros aspectos que transformam a juventude em ‘campo problemático’.

O pensamento do autor é fidedigno, levando-nos à transição do jovem de uma circunstância social para outra contemporaneamente, em que na família gera a ansiedade em virtude da insegurança e violência social; diferentemente dos tempos passados, em que os rituais de iniciação se constituíam como um simbolismo que marcava essa fase. Entre os ritos de passagem,ⁱⁱⁱ pode-se mencionar que jovens do sexo feminino, ao completar 15 anos de idade, eram apresentadas como “menina-moça” à sociedade em uma festa de

debutantes;^{iv} os rituais de nascimento, os casamentos, as formaturas e tantos outros que continuam sendo praticados pelas diversas etnias na sociedade moderna.

Nesse contexto de ritos, as etnias indígenas também manifestam suas práticas culturais sobre os ritos de forma intensa. Nessas, os ritos são sustentados pelos mitos, que dão fundamentos a toda uma tradição milenar desses povos (VILHENA, 2005).

Envolvendo a discussão que envolve a temática, a juventude, na história contemporânea do povo indígena Tabajara da Paraíba, tem como marco a narrativa do Mito da Profecia. Tal fato é emblemático por ter como protagonista o jovem indígena Ednaldo dos Santos Silva,^v conhecido, atualmente, por Ednaldo Tabajara, que reuniu seu povo, tirou do silenciamento, amenizando a situação de exclusão social com ações que o fizeram renascer das cinzas.^{vi}

Na cultura indígena, cada idade tem seu valor e sabedoria, sendo tradição a valorização dos mais velhos, porque perpetram viva a memória do passado, com os mitos, ritos, valores, crenças, costumes e tradições vividas, que servem de referência no presente (ELIADE, 2007). Percebe-se nesses povos sua relação com o tempo, história e memória em face das gerações e o modo como interagem com o acervo sociocultural que lhes é legado. Simultaneamente a esse contexto, observa-se como a juventude indígena Tabajara vivencia suas práticas, motivações, subjetivismo, engajamento e o ativismo político social.

Este artigo aborda o protagonismo dos jovens indígenas^{vii} do povo Tabajara^{viii} paraibano no processo de etnogênese,^{ix} iniciado há doze anos, por meio de ações de revitalização e fortalecimento da identidade étnica. Esses jovens indígenas estão inseridos no contexto urbano e rural em uma afinidade interétnica com os não indígenas, em que o contato promove resistência e mudanças culturais. O fenômeno urbano é desafiador, impulsionando-os a buscar em sua trajetória estratégias capazes de assegurar sua sobrevivência atualmente em uma rica e complexa mobilização para afirmar sua identidade indígena.

A delimitação da pesquisa constituiu-se dos lócus das aldeias Vitória e Barra de Gramame, Conde-PB, estendendo-se até os espaços e ambientes de convívio desses indígenas, de forma que o estudo cuidou do contato direto e intensivo no ambiente situacional do objeto. Neste rico contexto realizam-se as práticas educativas do Projeto da Mata em Pé, objeto de recorte do estudo como amostra que envolve os jovens.

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

Para compreender a participação dos jovens indígenas na vida do povo Tabajara, faz-se necessária a imersão na realidade por meio do estar junto e da observação. Essa forma de compreender a realidade de outros é uma característica distinta da abordagem qualitativa, que aponta o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Malheiros (2011, p. 188), especifica: “A coleta de dados é um processo que exige muito do pesquisador, porque a observação do fenômeno estará certamente impregnada pela história pessoal daquele que observa.” Certamente, ao estudar a juventude Tabajara, procura-se compreender o ser jovem em sua essência, buscando desnudar-se de todas as nossas interpretações subjetivas.

Entende-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza etnográfica, que utiliza a observação participante como instrumento visto que estamos lidando com um fenômeno social que contempla os sujeitos históricos e suas subjetividades, valores, crenças etc. Segundo Minayo (2003, p. 22), a pesquisa qualitativa: “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]”. Essa metodologia possibilita perceber os silêncios, o tom de voz, as expressões faciais, os olhares, os gestos, o choro, a escuta, as saudações e os rituais entre outros aspectos. Para registrar todas essas percepções, utilizou-se como instrumentos as anotações no diário de campo, as entrevistas, os vídeos, as gravações e fotografias.

2. O mito da profecia: elemento de empoderamento do jovem no ressurgimento de seu povo

No território hoje denominado de Paraíba, são reconhecidos dois povos indígenas: Potiguara, situado no litoral norte com uma população de 20 mil habitantes, a maior do Nordeste etnográfico brasileiro. (BARCELLOS, 2014). No litoral sul, encontra-se o povo Tabajara, com uma população de pouco mais 1.000 indígenas. (BARCELLOS; FARIAS, 2015). A presença desses indígenas na região reporta-se anterior à fundação da capitania da Paraíba no século XVI.^x

A terra tradicional ocupada outrora pelos Tabajara na Paraíba situa-se no litoral sul, onde estava delimitada geograficamente na Carta da Sesmaria da Jacoca e Aratagui. Viviam no Sítio dos Caboclos no território denominado Mata da Chica, Conde-PB. Nesse lugar^{xi} eram conhecidos como os caboclos da região. Não só eram conhecidos, mas também se autodenominavam por receio de represálias e imposição do sistema político social.

“Naquele tempo, quando era moleque, eu sabia que era índio, mas dizia ser caboclo! Quem falasse que era índio morria!” (João Gringo, informação verbal, mar. 2018).

Esses indígenas, na metade do século XX, foram expropriados da sua terra pela família Lundgren.^{xii} Fato que os levou a se dispersarem pelas localidades mais próximas da região em busca de sobrevivência, uma diáspora. Esse processo histórico ocasionou diversas transformações que são sentidas e vistas até hoje, marcando profundamente sua trajetória, afetando os usos e costumes, suas crenças, seus ritos, tradições e até a questão da identidade étnica – indígenas que vivem no contexto de trânsito entre urbano e rural.

Sobre os indígenas Tabajara, de acordo com Barcellos e Farias (2015), foram considerados extintos, ficando invisibilizados por mais de um século. Essa negação e o silenciamento identitário foi instigado pelas instâncias opressoras e de submissão, que só foram revertidas por meio do enfrentamento nesta última década com Ednaldo Tabajara, atual cacique da Aldeia Vitória, que passa a conhecer o relato do “mito da profecia”^{xiii} Por mais de quarenta anos, esse mito foi transmitido oralmente pelo “tronco velho”^{xiv} Antônio Piaba, conhecido como Vô Piaba, entre os parentes Tabajara. Segundo Eliade (2007, p. 8): “[...] as sociedades onde o mito é – ou foi, até recentemente – ‘vivo’ no sentido de que fornece os modelos para conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significado e valor à existência humana.” O “mito da profecia” foi o elo do movimento de ressurgência, o estopim de revitalização do povo Tabajara na reivindicação do seu território e da ressignificação das suas tradições. (BARCELLOS *et al.*, 2014). Sensibilizado e bastante abalado com o mito da profecia, Ednaldo tomou-a para si, elegendo-se como o “escolhido” para reaproximar seu povo.

Partindo desse fato, diversas ações vão ser gestadas por Ednaldo Tabajara para arregimentar o povo Tabajara, tais como pesquisas documentais, escuta da memória dos anciões, reunião com parentes, aliança com o povo Potiguar, com instituições oficiais como a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Conselho Missionário Indigenista (Cimi), a Associação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoime), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), dentre outras, além da reelaboração das próprias tradições culturais.

Esse processo suscita na vida dos Tabajara alguns conflitos e avanços no litoral sul com relação à questão da territorialidade, principalmente com agentes que se instalaram

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

nesse espaço. Um acentuado problema nessa luta foi gerado pelo enfrentamento à indústria Elizabeth Cerâmica para não implantação de um polo cimenteiro naquele espaço de tradição; outro desentendimento é a fundação da terceira aldeia no Bambuzal; um avanço foi trazer as famílias das periferias para morar na terra da Mata da Chica e a participação dos indígenas em movimentos políticos, sociais educacionais em termos nacionais. Ações que os levaram a se tornar nacionalmente reconhecidos como segundo povo indígena da Paraíba.

Nesse ínterim, conseguiram a designação de um Grupo de Trabalho (GT),^{xv} para realização do estudo de fundamentação antropológica, em 2009, concluído em 2010 (MURA; PALITOT; MARQUES, 2015). Em 2015, conseguem o segundo GT, designado para identificação e delimitação^{xvi} da área reivindicada. Nesse contexto, estratégias de revitalização vêm sendo desenvolvidas cada vez mais para possibilitar o fortalecimento, a participação e a colaboração entre jovens Tabajara sob a liderança do jovem cacique Ednaldo Tabajara.

Juventude tabajara: subjetivação e construção identitária

Após a Segunda Guerra Mundial, algumas decorrências incidiram decididamente sobre o modo de vida das famílias. Precisamente a partir dos anos 1950, certas condições econômicas, históricas, políticas e culturais são apontadas como elementos que marcam o aparecimento da juventude como categoria social. Internacionalmente, uma nova ordem – social, política e geográfica – é redesenhada pelos vencedores a ponto de impor estilos e valores de ida (WEHLING, 1992).

A Fotografia 1, revela momento importante da participação dos Tabajara nas mobilizações dos indígenas de todo o Brasil em Brasília.

Fotografia 1 – Jovens indígenas no Acampamento Terra Livre (ATL)



Fonte: Farias, abr. 2018.

Nas sociedades ocidentais, um novo olhar é direcionado às crianças e aos jovens. Começam a ser vistos como sujeitos de direitos e de consumo. A ideia é a juventude dedicar-se mais aos estudos e ao lazer. Esse modo de vida passa a ser um ideário alegórico para a maioria dos jovens, filhos de trabalhadores assalariados. Na realidade, só os jovens das camadas mais abastadas vão dedicar-se aos estudos e ao lazer. A categoria juventude vai assumir nova identidade na sociedade. A Fotografia 2, apresenta o protagonismo da juventude Tabajara.

Fotografia 2 – Jovens no ritual do Toré, Aldeia Vitória



Fonte: Farias, nov. 2018.

Diante dessa nova realidade, como a sociedade indígena vai conceber ou processar esta fase da vida? Essa resposta será aqui focada tendo como protagonistas os jovens Tabajara da Paraíba. Observar as ações educativas dos jovens Tabajara como sujeitos históricos^{xvii} é um importante instrumento para divulgação da resistência e da revitalização da cultura. Os povos indígenas querem continuar sendo indígenas e têm esse direito assegurado na Carta Magna de 1988 de nosso país. “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (BRASIL, 1988, art. 231).

Este artigo salienta a relevância de apreciar as expressões culturais dos povos indígenas permitindo compreender melhor o fazer, o agir, a cosmovisão, seus costumes, crenças e tradições na sociedade, de tal forma que contribua para superar o preconceito que a sociedade ainda tem em relação à etnia. Nesse sentido, os jovens indígenas são os indivíduos de maior responsabilidade na aquisição desses saberes e, como detentores desses, cabe-lhes transmitir por meio de ensinagem, perpetuando esse legado para as

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

próximas gerações. Uma das formas de partilhar saberes é a participação em competições desportivas com os povos indígenas da região. A Fotografia 3, mostra esses momentos dos jovens Tabajara.

Fotografia 3 – Juventude Tabajara nos Jogos Indígenas, Baía da Traição



Fonte: Farias, abr. 2018.

De modo geral, na vida cotidiana, a juventude Tabajara enfrenta uma dualidade social: no cenário urbano da sociedade líquida^{xviii} atual, são persuadidos a mergulhar em uma onda neoliberal, tecnológica, da imagem, do consumo, das aparências, das relações individuais; já no ambiente natural da aldeia, a realidade é totalmente diferente em razão da aproximação com as espiritualidades, a “mãe” natureza, da sinfonia do vento, das aves, da chuva, enfim do pulsar da cultura e tradição. De certa forma, é impactante vivenciar o entrelaçamento desses diversos espaços temporais, tão distintos, ambientes que lhes dão suporte ou embaraçam seus processos de subjetivação e fortalecimento identitário.

Uma cultura, de um lado, com fascínios dos marketings e tecnologias digitais, e de outro, das diversidades e ancestralidades, ainda carrancuda de desrespeitos e preconceitos. Diante disso, como ser, viver, sentir, perpetuar e empoderar-se da cultura e da identidade Tabajara? São questões que interferem nas subjetividades e alteridades desses jovens no horizonte em construção do século XXI.

3. Projeto da mata em pé: práticas identitárias

O estudo observa a compreensão dos jovens Tabajara nas suas afinidades espaciais e temporais, e a forma como interagem com o legado sociocultural que recebem, como reagem, como atuam e se situam em relação à história e à memória Tabajara passada em conformidade com o presente.

[...] a criação de um espaço de vida autônomo pelas classes de idade mais jovens se realiza com a escolarização de massas. É a escola de massa que viabiliza o acesso às funções adultas, prolongando o tempo do não trabalho; ela cria também as condições espaço-temporais para a agregação de uma identidade coletiva definida pela necessidade dos modos de vida e linguagens próprias – isto é, a cultura juvenil (MELUCCI, 2001, p. 101).

A questão crucial dos jovens indígenas Tabajara são esses espaços singulares pois há uma multiplicidade de hibridismos (MARTINS, 2008), sobretudo para esses sujeitos pertencentes a um denominado grupo étnico, levando-os a, muitas vezes, padecer preconceitos e calar-se ante sua identidade.

A Fotografia 4, apresenta uma ação do projeto da Mata em Pé, em que os jovens fazem o reconhecimento do território de tradição, prática que contribui para o fortalecimento do ser Tabajara.

Fotografia 4 – Juventude na caminhada. Mata da Chica, Conde-PB



Fonte: Farias, ago. 2017

Esses fatores sociais contemporâneos relacionados com os espaços levaram o jovem líder Ednaldo Tabajara a planejar práticas educativas que têm adquirido relevância na vida dessa etnia, dentre elas, trilhas e caminhadas, oficinas na aldeia objetivando (re)conhecer os espaços de convivência das antigas famílias, como o Sítio dos Caboclos, na Mata da Chica, Mata do Pau-Ferro, o sítio do Gurugi, as pescarias no rio Gramame e no rio Graú além de outros marcos do território Tabajara do litoral sul. É uma ação dinâmica de apresentar a biodiversidade da flora e fauna presentes no bioma da mata atlântica, tais como a

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

vegetação da mata, a vegetação dos manguezais, a capoeira,^{xix} o bambuzal, os canaviais, etc.; também as aves silvestres (bem-te-vi, rolinha, pombo do mato, sanhaço, canário, beija-flor), os mamíferos (sagui, tatu, paca, tamanduá), os anfíbios (sapos, rãs, pererecas), os répteis (cobra coral verdadeira, falsa coral, jiboia, teju).

Essas práticas revelam a intencionalidade do cacique Ednaldo de pôr em prática seus objetivos com a juventude: criar laços com a mãe natureza e com o legado herdado dos antepassados. O lugar de tradição possibilita na vida da juventude indígena tornar-se agente que se autoidentifica no seu espaço (FRAGO; ESCOLANO, 2001). É nesse território emblemático que estão fincadas as raízes dos troncos velhos, que Ednaldo está realizando as práticas de (re)conhecimento das tradições, de transmissão dos saberes, dos fazeres, das espiritualidades e dos elementos simbólicos da cultura Tabajara. Essas ações compartilhadas foram denominadas Projeto da Mata em Pé. São atividades práticas que transcendem o lazer, o prazer de estar juntos, de se conhecer, de interagir, de se descobrir – assume sentidos ligados à história e memória do povo Tabajara, de cada família, do parente e do indivíduo –, que (re)vive, revitaliza e fortalece a identidade étnica. A ação tem a perspectiva de que a participação nos lugares de tradição sensibilize os jovens, desperte seu interesse em abraçar batalha pela demarcação do território, sirva para identificar a noção de pertencimento do ser indígena Tabajara.

[...] ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro (SZYMANSKI, 2001, p. 87).

De acordo o autor, na realidade das ações Tabajara, pode-se afirmar que práticas elencadas permitem momentos capitais para fortalecimento identitário dos indígenas por meio de uma relação reflexiva em meio a partilhas, intersubjetivas, colocando história e vivências coletivas no espaço temporal, com uma orientação de estima especial: a de ser indígena e pertencer à etnia Tabajara.

A participação dos jovens em eventos de políticas públicas são ações pontuais que proporcionam aprendizagem nas suas lutas e reivindicações no processo de ressurgência dessa etnia, como mostra a Fotografia 5, apresentando propostas para a saúde indígena na etapa local da Conferência Nacional de Saúde indígena.

Fotografia 5 – Juventude na II Conferência Nacional de Saúde Indígena, Conde-PB



Fonte: Farias, nov. 2018.

5. Diário de uma caminhada

Para melhor descrever como ocorrem as práticas identitárias do ser jovem indígena Tabajara, este tópico relatará as vivências de uma caminhada. Em uma manhã ensolarada de domingo do dia 20 de agosto de 2017, na Aldeia Vitória, o clima era de expectativa. Os curumins (crianças) e jovens não viam a hora de iniciarem a caminhada de reconhecimento do território, ocasião tão almejada por eles.

Precisamente às 9h30min, o cacique Ednaldo Tabajara reúne um grupo de 30 indígenas, no terreiro da aldeia, para dar as orientações de conduta e comportamento durante a primeira caminhada de reconhecimento do Sítio Pau-Ferro no território Tabajara. A aldeia foi referenciada como marco zero, primeiro ponto de (re)conhecimento da caminhada.

Para o bem-estar durante o percurso, foram acondicionados em mochilas os alimentos, frutas, café, água, chapéus, bonés, além de utensílios de proteção, facão e foices. A caminhada segue com muita alegria, conversação, histórias, questionamentos curiosos e descobertas das crianças e jovens, repassados pelos adultos e pelo cacique. Foram escolhidos vários trechos da Mata do Pau-Ferro, onde foram apontados alguns marcos. O trajeto foi muito interessante, com paradas para tomar água e café, para conhecer plantas medicinais nativas, as características e as espécies vegetais, a diversidade de aves, mamíferos e animais, a topografia, os vales do bioma litorâneo. As crianças e os jovens despertaram o interesse em querer saber sobre muitas curiosidades, e o cacique Ednaldo, com os adultos, constantemente faziam observações sobre o paisagismo presente na

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

caminhada. O território é muito fértil, de uma beleza natural deslumbrante: árvores frutíferas, riachos, muitos sítios com agricultura familiar (horta, macaxeira, milho, inhame, batata-doce) e plantação de bambu.^{xx}

As crianças e a juventude percebem que, em alguns locais, às margens da mata, em um areal úmido, brota água transparente, límpida, conhecida como nascente ou fontainha. O território Tabajara é riquíssimo em mananciais hídricos por toda a sua extensão: rios, riachos, olhos-d'água de excelente qualidade.

a água é imprescindível para qualquer forma de vida. Sem água não há vida. Desconhece-se qualquer forma de vida que dispense a água. [...]. Bem comum patrimônio da humanidade e de todos os seres vivos. Nesse sentido a água adquire valor sagrado. (BEOZZO, 2003, p. 87).

Diante desse elemento imprescindível da natureza, as crianças questionam o cacique: “Por que aquela água sai da terra?” Ele explica que a única maneira de manter os olheiros de água, as fontainhas, os animais vivos é a conservação da mata em pé. Então, no momento que se desmata, acaba com a flora e com a sobrevivência da fauna. Dessa forma, as crianças e os jovens iniciaram um diálogo gerando muitas perguntas e respostas sobre a preservação do meio ambiente e iniciativas como a de não jogar plásticos, garrafas pet, vidro para não degradar e poluir o ecossistema. O depoimento do cacique reforça essa concepção:

este trabalho está sendo feito porque, a maioria de nós indígenas, perdemos o contato com a terra, quando fomos expropriados de nossa terra com a natureza. Agora estão, voltaram ao contato definitivo, têm de resgatar seus valores, tem essa visão diferenciada desta cosmologia e espiritualidade com a Terra planeta. O projeto tem a finalidade de primeiro: reconhecer e tomar posse do território que está sendo reivindicado hoje; segundo, tem que saber como vão defender; e terceiro, como vão usar a área depois da liberação [ganho da causa na justiça] da terra. Vamos para as nascentes, para os rios. Para construir essa gente, esses jovens, para ser a gente no futuro. (Ednaldo Tabajara, informação verbal, ago. 2017).

Durante a caminhada, foi possível obter do jovem cacique um depoimento sobre a importância do Projeto Mata em Pé:

tenho feito um trabalho na aldeia com as crianças e jovens, onde falo da importância da ‘Mata em Pé’ [...] Oriente para que eles vejam a diferença do que tem na mata, no chã da cana, do desmatamento. Quando eles vão observando os dois biomas, veem o que tem de diferente. Vão se perguntando por que na mata tem pássaros, camaleão, cobra, teju, gato do mato, tatu, tem vários outros animais. Eles vão vendo que na mata tem vida e no bambuzal, no canavial não. É o lugar seco, sem vida! Então, questiono sobre o que eles acharam da mata? Eles vão perguntando um para o outro! A importância é que onde tem mata, tem vida e tem água. O chão é sempre molhado. A mata em pé é importante para os seres vivos e para o ser humano. Esse projeto tem dado uma grande contribuição para os jovens e crianças em relação ao meio ambiente. Estão crescendo, aprendendo

sobre a importância de proteger cada dia mais a mata, para que ela continue dando fruto, sombra e água para nosso planeta. (Ednaldo Tabajara, informação verbal, ago. 2017).

A preocupação do cacique Ednaldo em cuidar da preservação do meio ambiente não é mais uma em meio às várias demandas, mas envolve toda a existência do indígena e da vida, uma vez que a Terra é um espaço comum, e criar uma sociedade sustentável deve ser uma tarefa de toda a humanidade (BOFF, 2009).

Abraçar essas práticas não significa desacreditar na espontaneidade do aprender, tampouco desconhecer que existem outros processos educativos que ocorrem na transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens, mas considerar que a juventude produz conhecimentos e deve atuar como guardiã e perpetuadora da cultura nas gerações futuras. Trata-se de uma saída metodológica de práticas efetivas para incentivar o ativismo do ser jovem indígena na transformação da realidade em detrimento da influência do consumismo e da cibercultura da sociedade não indígena. Essa abordagem é digna de relevância no processo educativo prático Tabajara. Nesse sentido, Durkheim (1978, p. 33, grifo nosso) afirma:

[...] a ação dos membros de uma mesma geração, uns sobre os outros, difere da que os adultos exercem sobre as crianças e adolescentes. É unicamente esta última que aqui nos interessa e, por consequência, é para ela que convém reservar o nome de *educação*. [...] para que haja educação, faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos jovens, crianças e adolescentes; e que uma ação seja exercida pela primeira, sobre a segunda. [...] A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma *tabula rasa*, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo.

O ponto de vista do autor reforça as ações que estão sendo praticadas pelos Tabajara. Outra contribuição importante da caminhada das práticas identitárias do ser jovem Tabajara foram os conhecimentos de Bendito Silva sobre a flora. Ele apresentou às crianças e aos jovens as ervas nativas, os arbustos, as árvores, cada tipo de planta da botânica, com suas funções curativas e os males que podiam causar. Conhece as eficácias, como também as contraindicações dos fitoterápicos. Utilizou o momento para repassar a forma de manipular um xarope, um chá, uma atadura, um banho das ervas, orientando com sabedoria seus conhecimentos tradicionais.

A caminhada segue sempre com as orientações cuidadosas do cacique e dos adultos para o bem-estar de todos até chegarem ao riacho, parada para descanso, banho e

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

alimentação. As crianças são as primeiras a entrar na água com muitos risos e gritos de uma alegria que só os curumins sabem expressar. Os adultos organizam o local para o almoço e descanso. Todos os alimentos são colocados em comum para serem compartilhados por todos. A mesa improvisada fica farta de farofa, carne, galetos, arroz, cuscuz, frutas, biscoitos, pipoca e salgados, um saboroso e delicioso piquenique. Uma prática singular, alegre, de partilha dos alimentos, das memórias e histórias e estórias, causos, mitos e risos.

A criatividade de quem tem talento surge nesse momento quando seu Bendito e Sérgio da Conceição cortam várias folhas da palmeira do dendê^{xxi} para confecção de cestos para pescar. De repente, realiza-se uma significativa oficina para as crianças e os jovens, iniciando com o corte da folha em tiras e cipós colhido no mato para armação do cesto. As crianças e os jovens acompanharam atentos toda a explicação e participam na confecção. Ao finalizar, não perdem tempo, e vão logo pescar.

Durante toda a caminhada, valorizaram-se os saberes indígenas por meio da construção de prática de revitalização dos costumes e fazeres tradicionais. As crianças e os jovens foram estimulados a aguçar a memória sobre os elementos que foram apresentados durante o percurso. O cacique Ednaldo fez vários questionamentos. O projeto representa uma forma de revitalização e valorização dos etnossaberes e empoderamento do ser indígena. Diegues (2000, p. 30), afirma:

conhecimento tradicional pode ser entendido como o conjunto do saber-fazer com relação do mundo natural e sobrenatural transmitido através da oralidade de geração por uma dada sociedade. Para muitas dessas sociedades há uma forte ligação entre o natural e a organização social.

Após o almoço, um agricultor da região, que defende a causa indígena, passando pelo local onde estavam reunidos, denunciou a exploração e retirada ilegal de areia. Os líderes saíram imediatamente e foram até o lugar para registrar com fotografias esse areal clandestino e denunciar ao Ministério Público. Essas práticas não programadas mostram como é dinâmica a vida dos indígenas.

Na volta, a caminhada continua com bastante disposição e alegria nesse propósito de reconhecimento da área. Logo, logo, chegam ao segundo ponto, que é o marco do Sítio Pau-Ferro, lugar de uma mata onde se encontrava grande quantidade de madeira de lei no passado. Em seguida, surge o terceiro ponto, o rio Mamelão. O marco seguinte foi o ponto do Mero, onde fica a parte do rio que se encontra com o mangue. “Vamos construir como

queremos essa área para as crianças e até os mais velhos sabem como anda com propriedade de suas terras.” (Ednaldo Tabajara, informação verbal, ago. 2017).

O cacique usa uma estratégia para reunir e despertar em seu povo o sentimento de pertencimento e de identidade para com a “mãe terra”. É uma tática interessante, atraente, prazerosa e eficaz para a ressignificação da cultura, que tem profunda riqueza de práticas educativas, que serão sempre lembradas na relação com a natureza, os rituais e as espiritualidades.

6. Considerações momentâneas

Versar o processo histórico vivenciado nos últimos cem anos pelo povo indígena Tabajara, pondo em evidência os diferentes momentos em que estiveram inseridos, marcando a complexidade das relações sociais e étnicas, é desafiador, como também proporciona o fortalecimento da luta da etnia.

Nesse contexto, a criação de ações educativas direcionadas aos jovens, igualmente a participação sistemática destes nos movimentos de reivindicações políticas, sociais e culturais, contribuem para tomarem ciência dos seus direitos e deveres, bem como desenvolver habilidades e táticas nesse contexto de hibridismo social.

Avalia-se que os jovens têm papel capital na perpetuação da cultura e no empoderamento da identidade étnica, condicionando a organização social e política do povo. Eles são agentes próprios na transmissão da cultura nativa. O desafio maior desses jovens indígenas estaria na responsabilidade da luta por demarcar nos espaços frequentados o “ser Tabajara”, assumir a própria identidade, entrar em relação com a diferença sem se deixar influenciar nas desigualdades, na sociedade atual. Percebe-se, ainda, que as práticas educativas os influenciam, fortalecem seus sentimentos de alteridade acerca de si mesmos, do não indígena e do espaço sociocultural que os cerca.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Santa Catarina: Univille, 2015.

BARCELLOS, Lusival Antonio. **As práticas educativo-religiosas dos índios Potiguará da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica

BARCELLOS, Lusival Antonio et al. **Diversidade PARAÍBA: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos.** João Pessoa: GRAFSET, 2014.

BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva de. **Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica.** 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEOZZO, José Oscar. (org.). **Água é vida: dom de Deus e responsabilidade humana.** São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Leonardo. **A opção Terra: a solução da Terra não cai do céu.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12. n. 26, p. 7-22, set./dez. 2011.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Seminários Cebrap 2014. In: **Intérpretes do Brasil: saberes.** Direção: Isa Grimspum Ferraz. Produção: Arony Lobo. [São Paulo]: TV Cultura e Arte, 2014. Vídeo (55min58), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hJLZIHMQVIY>. Acesso em: 27 jul. 2018.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

DURKHEIM, Émile. A educação, sua natureza e função. In: DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia.** São Paulo: Melhoramentos: FNME, 1978.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos.** 14. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Cronologia do cultivo do dendezeiro na Amazônia.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016. (Documentos/Embrapa Amazônia Oriental, 423). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310795039_Cronologia_do_cultivo_do_dendezeiro_na_Amazonia. Acesso em: 5 mar. 2017.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr. 2008.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURA, Fabio; PALITOT, Estevão M.; MARQUES, Amanda Christinne. **Relatório de fundamentação antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no litoral sul da Paraíba**: instrução Técnica Executiva, n. 34, DAF, 2009. João Pessoa: Funai, 2015.

REGUILLO CRUZ, Rossana. **Culturas juveniles**: estratégias del desencanto. Barcelona: Grupo Editorial Norma, 2000.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Editora Plano, 2001.

VALE, Cláudia Netto do; RANGEL, Lucia Helena. Jovens indígenas na metrópole. **Revista; ponto-e-vírgula**, n. 4, p. 254-259, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/14190/10416>. Acesso em: 29 mar. 2019.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos**: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Temas do Ensino Religioso).

WEHLING, Arno. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da história: algumas questões. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1943>. Acesso em: 9 ago. 2019

Notas

ⁱ Segundo Anastasiou (2015, p. 20): “Trata-se de uma ação de ensino da qual resulta a aprendizagem do estudante.”

ⁱⁱ A juventude é apenas uma palavra, afirmou Bourdieu (1983). Juventude é uma criação da sociedade que produz uma parte da força motriz que brota frutos no mundo. (REGUILLO CRUZ, 2000, tradução nossa).

ⁱⁱⁱ São práticas celebrativas que marcam a mudança de posição de uma pessoa na sociedade.

^{iv} Rito de passagem feminino, copiado da tradição francesa pelos brasileiros, que marca simbolicamente a entrada da menina na vida adulta.

^v Ednaldo dos Santos Silva iniciou o processo de emergência étnica aos 21 anos de idade.

^{vi} As culturas antigas tinham metáforas; uma das mais conhecidas vem da Mitologia Grega, que fala do simbolismo da Fênix: lendária ave que renasce das próprias cinzas, regenerando-se sempre depois da própria morte.

^{vii} Jovens indígenas estão inseridos em um quadro mais amplo de direitos coletivos dos povos indígenas nas Américas como um todo e na América Latina em particular, dado que há países que são na maioria reconhecidamente autóctones. Pode ser considerada uma categoria emergente, em transição ou em construção na realidade brasileira (VALE; RANGEL, 2008).

^{viii} Etnônimo de origem étnica e linguística Tupi, etimologicamente originado de *taba*=aldeia + *jara*=de yara, senhor, dono, aquele que domina. O povo Tabajara é constituído por laços de afinidade e parentesco de três troncos familiares: os Severos, os Martins dos Santos e os Conceição, que ocupam basicamente três espaços: os que residem nas aldeias Barra de Gramame e Vitória, localizado no município de Conde-PB e as comunidades periféricas das cidades de Conde, Pitimbu, Alhandra e João Pessoa no litoral sul da Paraíba. (BARCELLOS; FARIAS, 2015).

^{ix} Processo denominado pela Antropologia de emergência de novas identidades étnicas ou ressurgimento de etnias já reconhecidas, que abrange a transformação social, política, definição identitária e incorporações criativas de elementos que auxiliam grupos culturalmente diferenciados.

^x Período em que houve conflitos com os portugueses e seus parentes Potiguara, o que contribuiu para a fundação do núcleo populacional de Nossa Senhora da Neves, atual João Pessoa, hoje capital da Paraíba.

^{xi} Espaço onde as identidades são criadas, recriadas, modificadas e apresentadas (HALL, 2006).

^{xii} Descendentes de imigrantes suecos, implantaram nos Estados de Pernambuco e Paraíba no século XX as fábricas da Companhia de Tecidos Paulista - CTP/PE e a Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT/PB, onde seu regime de poder econômico não reconhecia os limites étnicos, com práticas de dominação que condicionaram a organização social e política dos indígenas Potiguara em Rio Tinto e dos indígenas Tabajara no Conde/PB.

^{xiii} “Um dia virá um jovem forte, capacitado e destemido que assumirá nossa história, nossa gente e a retomada de nossa terra.” (Cacique Ednaldo Tabajara, informação verbal, maio 2007).

^{xiv} Tronco velho são os anciãos indígenas popularmente assim chamados na aldeia. Neste texto usarei os dois termos com o mesmo significado.

^{xv} Esse GT tinha como objetivo definir, caracterizar e fazer a identificação da árvore genealógica dos indígenas Tabajara da Paraíba.

^{xvi} Para delimitação e demarcação do território, foi escrito um relatório com o registro da totalidade de marcos, croas, placas, matas e outros elementos para análise técnica da Funai-DF.

^{xvii} Cunha (2014) focaliza os indígenas como sujeitos históricos, e não apenas como vítimas. Neste estudo evidenciaremos o protagonismo Tabajara com as práticas educativas como táticas de resistência na sociedade. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011).

^{xviii} “A passagem da fase ‘sólida’ da modernidade para a ‘líquida’ – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

^{xix} Capoeira – do tupi-guarani *co-poera* = roça velha.

^{xx} Gramínea que serviu de alimento para animais por milhões de anos. A planta é empregada como biomassa para a produção de energia, material de engenharia civil e arquitetura, matéria-prima para móveis, objetos de decoração e papel entre outras finalidades.

A palmeira-dendê, é originária da Costa Ocidental da África (Golfo da Guiné). Seu fruto é conhecido como dendê, seu óleo como azeite de dendê. Especula-se que tenha chegado às terras brasileiras junto com os primeiros cativos africanos à capitania de Pernambuco de Duarte Coelho (1530-1542), trazida pelos feitores de escravos, adaptou-se bem ao clima tropical úmido do litoral brasileiro. (HOMMA, 2016).

^{xxi} A palmeira-dendê, é originária da Costa Ocidental da África (Golfo da Guiné). Seu fruto é conhecido como dendê, seu óleo como azeite de dendê. Especula-se que tenha chegado às terras brasileiras junto com os primeiros cativos africanos à capitania de Pernambuco de Duarte Coelho (1530-1542), trazida pelos feitores de escravos, adaptou-se bem ao clima tropical úmido do litoral brasileiro. (EMBRAPA, 2016).

Sobre os autores

Eliane Silva Farias

Doutoranda em Educação pela Universidad Internacional Iberoamericana – UNINI, (México); Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB - 2011); Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UFPB - 2004); Especialista em Organização de Arquivos (UFPB -1996); Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - 1989); com experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino Aprendizagem e Formação Docente; pesquisadora nas temáticas: educação, diversidade religiosa e etnologia indígena.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5133-7135> E-mail: eliafariass@gmail.com

Lilia Stevens Stevens

Possui doutorado em Doctorado Curricular en Educación Superior pela Universidad de Oriente. Santiago de Cuba. Cuba (2007). Licenciada em Psicologia Geral pela Universidade de Oriente. Santiago de Cuba. Cuba (1996). Atualmente é Orientadora da Universidad Internacional Iberoamericana –UNINI. (Puerto Rico) e UNINI(México).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5266-5480> E-mail: lilia.stevens@funiber.org

Lusival Antonio Barcellos

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (1998). Graduado em Filosofia pela Universidade Católica do Paraná (1980); Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Colatina-ES (1984); Teologia pelo Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição (1992). Professor Associado III, do Departamento de Ciências das Religiões (DCR); atua como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência nas áreas de Educação, Culturas e Religião. Atua nas temáticas: diversidade cultural; culturas e desenvolvimento; etnoeducação; cotidiano, religiosidades e espiritualidades indígenas. Orcid:

<http://orcid.org/0000-0002-3482-0221> E-mail: lusivalb@gmail.com

Recebido em: 03/10/2019

Aceito para publicação em: 20/10/2019